

#6 | FEVEREIRO | 2010

BETAR & ARTES LETRAS



O Fio Condutor

Exposição de desenhos da colecção do CAM. Na Gulbenkian



Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

**LANÇAMENTO
DA NOVA VERSÃO
DO GOA!**

A versão 9.0 estará
disponível em Outubro
de 2009

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS 'OLHAR' PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



O futuro parece ser um dos temas deste número. Nada de surpreendente, numa publicação que nos dá aquilo que há-de vir. Ou, por culpa dos nossos atrasos – editores amadores que somos – aquilo que já cá está.

Mas adiante, que o futuro é o presente que rapidamente se instala no passado, e pouco mais conseguimos do que o antever. José Mendonça traz-nos duas sugestões que abordam este tema, nas recomendações que faz de livros e filmes. No primeiro caso, uma obra de Patricia Melo sobre *Jonas, o copromanta*, a história de um homem com o dom muito particular de ver o futuro pelo que deixa no fundo de um penico. No segundo, *Avatar*, de James Cameron, que nos traz um novo cinema – uma nova forma de fazer filmes – sobre um tema muito mais antigo que o próprio cinema, a essência, em certo sentido, do próprio cinema: a antevisão de um mundo e a possibilidade de nele vivermos. A minha incapacidade de compreender essa “realidade” – não tenho qualquer código escatológico sobre o que nos espera e perdi muito cedo a visão estereoscópica – não me retira a curiosidade de ler o livro ou ver o filme. E é o máximo que o tempo presente me permite antever para o futuro. E, com data marcada (que assim impõe uma determinada forma de obrigatoriedade), talvez consiga ir ver um dos muitos espectáculos aqui anunciados, com a preciosa ajuda do António Cabral e da Maria João Duarte.

Um agradecimento àqueles que puderam colaborar neste numero: *La Dolce Vita*, de Fellini – também aqui, um Marcello Mastroiani à procura do seu futuro, um de felicidade e de amor que lhe escapa –relembrado pela Raquel, à bons anos nossa amiga e engenheira, e mãe de três pequenos que são, à sua maneira, seus avatares num tempo futuro; e – finalmente – um livro de poesia, *Quaderna* de João Cabral de Melo Neto, que nos é proposto por Pedro Faria, ligado desde sempre à Betar por laços de família e de amizade.

E continuamos à espera de mais contribuições vossas. Tragam-nos o futuro!

FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

EDITORIAL

MIGUEL VILAR

No inverno o conforto das salas de cinema apresenta-se como uma excelente alternativa ao frio. Fique a conhecer algumas opções deste mês. Não perca também o clássico que lhe sugerimos.

NO GRANDE ECRÃ

Estrela Cintilante

Uma poética reflexão sobre a morte



Título original: Bright Star
De: Jane Campion
Com: Kerry Fox, Thomas Sangster, Samuel Barnett, Paul Schneider, Ben Whishaw, Abbie Cornish
Género: Drama
Classificação: M/12
Reino Unido, 2009, 120min

Em 1818, o jovem poeta inglês, John Keats, apaixonou-se pela sua vizinha, Fanny Brawne, sem imaginar como isso irá mudar a sua vida. Apesar de terem muito pouco em comum, - ele um poeta romântico, ela uma estudante de moda pouco dada à literatura - a grave doença do irmão mais novo de John aproxima-os. Keats ficou sensibilizado com os esforços de Fanny para os ajudar e propôs-lhe ensinar-lhe poesia. Quando a mãe de Fanny e o melhor amigo de Keats descobriram como eles estavam atraídos um pelo outro, a relação entre os dois já não podia parar. Juntos, viveram momentos de romântica obsessão, que se tornava cada vez mais profunda à medida que os problemas aumentavam. Com o passar do tempo, o poeta adoece. Vai para Itália na esperança que o clima mais suave o ajude a curar-se mas o desejo acaba por não se realizar...

Avatar

Um filme poderoso e visualmente revolucionário



Título original: Avatar
De: James Cameron
Com: Sigourney Weaver, Zoe Saldana, Joel Moore, Laz Alonso, Stephen Lang, Sam Worthington, Giovanni Ribisi
Género: Acção/Aventura
Classificação: M/12
EUA, 2009, 162min

Jake é recrutado para uma missão a Pandora para se infiltrar na sociedade e encontrar uma forma de a dominar. Mas após ter sido salvo por Neytiri, uma bela nativa, vê-se dividido entre os pacíficos Na'vi e as forças empenhadas em destruí-los.

O realizador do filme mais lucrativo de sempre (*Titanic* - 1997) é também o responsável pelo mais caro. Este Avatar custou mais de 300 milhões de dólares. Cameron demorou anos na sua preparação, tendo inclusive decidido esperar pela tecnologia que permitisse a criação de tão complexo trabalho. Valeu a pena!

O filme apresenta-se nos ecrãs em duas versões distintas: uma normal e outra em 3D. Apesar da diferença estar só no brilho que a terceira dimensão dá ao filme, a verdade é que parecem dois filmes diferentes. É a prova de como o 3D está a mudar o cinema.

A Condessa Descalça

À primeira vista o encanto de *A Condessa Descalça* é evidente. Ava Gardner, no auge do seu glamour, na pele de Maria Vargas, a estrela que ascende da pobreza ao luxo; Humphrey Bogart no papel do cineasta Harry Dawes ao qual confere um misto de acidez e ternura. Uma imensidão de falas “mortinhas” por serem citadas e alusões intrigantes a celebridades do mundo real como Rita Hayworth e Howard Hughes, são alguns dos aperitivos deste filme, mas há mais... O filme é devedor de *O mundo a seus pés* (1941) dado que recorre a uma estrutura em mosaico a partir da qual uma personagem é vista a partir de inúmeras perspectivas. A acção inicia-se no funeral de Maria e desenvolve-se através de oito flashbacks, contados por quatro narradores, em três universos sociais: o mundo do espectáculo de Hollywood, o jet set francês e a aristocracia italiana. Brilhante!



Título original: The Barefoot Contessa
De: Joseph L. Mankiewicz
Com: Humphrey Bogart e Ava Gardner
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1954, 128min

EM DVD



Gangster Americano

Título original: American Gangster
De: Ridley Scott, Josh Brolin, Chiwetel Ejiofor, Denzel Washington
Género: Acção/Aventura/Drama
Classificação: M/12
EUA, 2007, 157min



O Dia em que a Terra Parou

Título original: The Day the Earth Stood Still
De: Scott Derrickson
Com: Keanu Reeves, Kathy Bates, John Cleese, Jennifer Connelly
Género: Ficção científica
Classificação: M/12
EUA, 2008, 106min



Nunca é Tarde Demais

Título original: The Bucket List
De: Rob Reiner
Com: Jack Nicholson, Morgan Freeman, Sean Hayes
Género: Comédia
Classificação: M/12
EUA, 2007, 97min



Olhos de Lince

Título original: Eagle Eye
De: D.J. Caruso
Com: Shia LaBeouf, Rosario Dawson, Billy Bob Thornton, Michelle Monaghan, Anthony Mackie
Género: Acção/Aventura
Classificação: M/12
EUA, 2008, 117min

Este mês não perca a oportunidade de assistir a alguns dos mais interessantes espectáculos musicais e de dança que Lisboa vai receber. Saiba também o que sugere António Cabral na música clássica.



Uma imensa paleta sonora

Dia 26 de Fevereiro, às 21h, no CCB (entre €5 e €18)

JAZZ

Dois solistas de luxo - Jason Moran (piano) e Chris Cheek (saxofone) -, dois compositores consagrados - Carlos Azevedo e Ohad Talmor -, um encontro entre uma orquestra sinfónica - Orquestra Nacional do Porto - e uma orquestra de jazz - de Matosinhos. Esta é numa proposta, com duas obras em estreia absoluta, que cruza a fluidez e a liberdade da improvisação com a riqueza e o rigor da música escrita.



São Luiz: Da literatura à dança

Ciclo Leituras e Música dias 13, 20, 27 e Maiorca de 26 a 28

MÚSICA

Neste inverno as palavras e a música preenchem as tardes do Jardim de Inverno para recordar vários poetas. No dia 13 Luis Miguel Cintra lê Luiza Neto Jorge por, no dia 20 Mário Cesariny por Graça Lobo e no dia 27 Sophia de Mello Breyner por Beatriz Batarda. A dança regressa com Maiorca, de Paulo Ribeiro, num espectáculo integrado nas comemorações do bicentenário do nascimento de Chopin.



O Coliseu em Fevereiro

Dias 11, 15 e 25

MÚSICA

Um conto tradicional transforma-se em ópera, misturando canções populares da Transilvânia, música barroca e pop rock. Neste espectáculo em húngaro, legendado em português, Béla Pintér retrata a vida no campo com ironia: a tragédia espreita por baixo das danças e dos trocadilhos. A música é tocada ao vivo, e os actores compensam o facto de não serem cantores profissionais com a intensidade da representação.



Ópera Camponesa, um espectáculo diferente

Dias 26 e 27 às 21h30 e dia 28 às 17h na Culturgest

MÚSICA

Reconhecido internacionalmente como o melhor tributo a Phill Collins, Martin Levac escolheu Portugal para o início da sua tournée europeia em 2010. Será no dia 11 pelas 21h30. Também a menina querida da soul britânica, Joss Stone, estará em Lisboa para apresentação do novo álbum, no dia 15 deste mês. No dia 25 o Coliseu recebe o Ballet Estatal Russo de Cheboksary, num espectáculo único abrilhantado por uma das mais belas óperas do mundo, criada por Bizet.



Concertos e Óperas em Fevereiro



TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

24 e 26 de Fevereiro às 20h e 28 de Fevereiro às 16h e 1, 3, 4 e 7 de Março às 20h e 6 de Março às 16h

O Morcego (Die Fledermaus)

Ópereta de Johann Strauss

É com "A Viuva Alegre" de Franz Lehar uma das Operetas mais representadas em todas as Salas de Ópera do Mundo. Quem gosta das Valsas do J. Strauss, e praticamente toda a gente gosta, vai gostar desta Opereta estreada em 1874.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A Programação de Fevereiro é muito rica e difícil de escolher os concertos mais importante. Eis a minha escolha:

4/2 às 21h e 5/2 às 19h

Orquestra Gulbenkian, Dir. Lawrence Foster
Duas obras importantes: **Sinfonia nº 1, Jeremiah** (Leonard Bernstein) e **O Rapaz da Trompa Mágica** (Mahler)

10/2 às 19h e 13/2 às 19h

Orquestra de Câmara da Europa; Piano e Direção de András Schiff

Nos Programas - Românticos: **Mendelssohn, Brahms, Schumann** e **Schubert**, András Schiff é a garantia de grande qualidade de interpretação.

17/2 às 19 horas e 18/2 às 21 horas

Orquestra de Câmara da Europa; Coro Gulbenkian e Direção John Nelson

Um clássico da História da Música: **Missa Solemnis, em Ré Maior, op. 123 de Beethoven**. Ouvi-la faz parte da cultura integral de cada Pessoa.

20/2 às 19h e 28/2 às 19h (respectivamente)

O grande pianista Maurizio Pollini interpreta **Chopin**. Está em fim de carreira mas é ainda um dos grandes interpretes do Piano (e de Chopin).

O mediático violoncelista Yo-Yo Ma acompanhado ao piano por Kathryn Stott num programa muito eclético: **Schubert, Chostakovitch, Piazzolla, Egberto Gismonti e César Franck**.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

15/2 às 21 horas Pequeno Auditório

Florian Boesch (Barítono) e Roger Vignolles (Piano) interpretem **Lieder de Schumann**. Em especial os Ciclos Liederkreis. O Romantismo no seu melhor e mais íntimo.



ARTES

A criação artística não tem limites. Do clássico ao contemporâneo são imensas as exposições que pode espreitar este mês na capital do país. Aqui ficam dois bons exemplos.

O Fio Condutor

De 21 de Janeiro a 11 de Abril. Gulbenkian - Centro de Arte Moderna, Lisboa

O desenho é o meio de eleição da mostra apesar da presença de três peças tridimensionais em que a evocação do traço e da evolução da linha no plano são muito óbvias. Leonor Nazaré, comissária da exposição, explica que “a linha funda o desenho como nenhum outro elemento: regista a forma, a direcção e a ideia. Aquilo que a conduz corresponde ao segredo mais íntimo de cada contorno – ao fio contínuo traçado entre o pensamento e a linguagem visual, entre a vontade, o impulso, o devaneio ou a decisão e a criação efectiva. Nos textos como nas imagens (...) procuramos sempre a inteligibilidade que nos possa ser dada por um fio condutor. É esse fio que aqui se procura e estabelece...” Nesta exposição podem ver-se trabalhos de 16 artistas da colecção do CAM: Alexandre Conefrey, Ana Hatherly, António Palolo, Artur Rosa, António Sena, Derek Boshier, Helena Almeida, João Vieira, Joaquim Bravo, Jorge Martins, José Loureiro, Pedro Calapez, Rui Moreira, Ruy Leitão, Teresa Henriques e Zao Wou-Ki.



Debret – Vasco Araújo

De 15 de Janeiro a 7 de Março. Museu da Cidade, Lisboa

A exposição resulta de uma interpretação da relação social entre brancos e negros, portugueses e africanos, senhores e escravos no Brasil do século XIX. Cada escultura resulta da combinação de mesas, ovos, figuras e citações de Padre António Vieira. Esta interpretação parte da obra do pintor Jean-Baptiste Debret, artista francês que chegou ao Brasil a convite do Príncipe Regente D. João VI, no início do século XIX, e demonstrou a sua paixão pelo país através de pinturas, aguarelas, desenhos e gravuras que permitiram elaborar uma visão histórica, política, cultural e social do Brasil dessa época. As figuras retratam acções entre brancos e negros reveladoras da sua relação sexual e social. A inserção destas figuras em ovos representa a criação de uma nova raça - a mulata. A associação deste conjunto a citações de Padre António Vieira leva o visitante a uma releitura que se insere num discurso pós-colonial.



TEATRO

2010 promete ser mais um ano excepcional no que respeita ao teatro. A aposta é forte e a oferta variada. Estas são as nossas sugestões para este mês.

Blackbird

de David Harrower

Ray (56 anos) é confrontado com o seu passado quando Una (27 anos) aparece de surpresa no seu local de trabalho. Culpa, raiva, emoções fortes e cruas surgem enquanto eles relembram a relação que viveram há 15 anos, quando ela tinha 12 e ele 40. Blackbird fala de um assunto delicado. Com sensibilidade e sem juízos morais, questiona os limites da nossa maneira de ver a vida, dos nossos tabus, das nossas concepções de amor e de abuso. Confronta-nos com os nossos preconceitos e, nas palavras de Miguel Guilherme, “cria no espectador um conflito interno por não saber o que pensar daquela relação”.

Tiago Guedes encena esta peça do dramaturgo David Harrower, interessando-se mais pela questão da transgressão do que da pedofilia. Repleta de diálogos frios e violentos, a história suscita, no mínimo, reflexão e debate...

Teatro Nacional Dona Maria II

Preço: €12

Data: Até 21 de Fevereiro 2010 (de 4a a sábado às 21h45 e domingo às 16h15)

Encenação: Tiago Guedes

Interpretação: Miguel Guilherme, Isabel Abreu, Constança Rosado, Filipa Rebelo e Margarida Lopes



Cão que Morre não Ladra

Este é um espectáculo de humor negro com recurso a elementos macabros, absurdos ou violentos que se associam ao ridículo. Uma comédia que fala de uma família que tem um problema bastante sério: uma maneira própria e especial de lidar com a perda de um ser amado. Uma família despedaçada pela tragédia que finalmente se reúne... Sem reis ou rainhas, sem deuses ou princesas, sem as numerosas personagens habituais... Naturalmente surgiram quatro elementos: o pai, a mãe, o filho e o cão.

A Companhia do Chapitô depara-se com a mesma questão em cada nova criação: o que fazer desta vez? No passado adaptaram clássicos, virando-os do avesso e descobrindo novas maneiras de os apresentar. Desta vez contam a sua própria história. A construção das peripécias e o texto resultaram das conversas entre intérpretes e encenador.



Chapitô

Preço: €12 (€7,5 com descontos habituais)

Data: Até 21 de Fevereiro de 2010 (de 5ª a domingo às 22h)

Encenação: John Mowat

Interpretação: Jorge Cruz, Marta Cerqueira e Tiago Viegas

Este mês apresentamos mais três excelentes exemplares da literatura. Se não conhece algum destes autores siga as sugestões de José Mendonça e goze o prazer de ler um bom livro.

LEITURAS DE INVERNO



O Senhor Juarroz

Gonçalo M. Tavares
Editorial Caminho, 2004

Gonçalo M. Tavares nasceu em 1971. Aos 30 anos publica a sua primeira obra e em pouco mais de dois anos publica diversos livros – da poesia ao teatro, de pequenas ficções a romances. Estes livros valeram-lhe da parte da crítica a “classificação de novas revelações literárias dos últimos anos”. Venceu vários prémios literários para originários de língua portuguesa entre eles o prémio “Ler/Circulo de Leitores/BCP” com outra grande obra: Jerusalém. Venceu ainda o prémio “Branquinha da Fonseca”, da Fundação Calouste Gulbenkian, com o livro O Senhor Valery e o prémio “Revelação” de poesia da A.P.E. Traduzido em várias línguas este livro faz parte dos “Senhores”: Henri, Brecht, Valery e Juarroz.

“O senhor Juarroz por vezes punha uma venda nos olhos para não ser distraído pelas formas e cores das coisas. Quando as coisas além de existirem também faziam sons, o senhor Juarroz, em apoio da venda, utilizava algodão nos ouvidos. Porém, certas coisas, devido aos seus aromas fortes, insistiam em infiltrar-se pelo nariz do senhor Juarroz, o que o levava, por vezes, a tapá-lo com uma mola”.



Jonas, o Copromanta

Patrícia Melo
Campo das Letras, 2009

Conta a Bíblia que, fugindo a um mandato divino, Jonas é engolido por uma baleia, em cujo ventre desce ao fundo dos mares. À sua imagem e semelhança, o Jonas do novo romance de Patrícia Melo embarca numa viagem comparável, a bordo das suas próprias obsessões e muito além do seu quotidiano mesquinho.

Numa sala mortíça da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, Jonas carimba papéis sem muita pressa, esquivando-se das insinuações de Eunice e aceita sem muito ardor as investidas de Darlene.

Leitor de romances e escritor apenas virtual, o novo Jonas quer ver, nos dejectos do seu ventre, os augúrios do destino próprio e alheio. Corrigir romances, decifrar fezes. Meras esquisitices, inofensivas até ao momento em que se cruzam no espírito do protagonista: depois da leitura de “Copromancia”, conto de Rubem Fonseca, Jonas tem a intuição, ou melhor, a certeza, de ter sido plagiado pelo próprio ídolo. É então que a realidade resolve colaborar com a obsessão e o escritor passa a frequentar a biblioteca, para fazer (ou talvez simular) uma pesquisa para seu próximo romance...

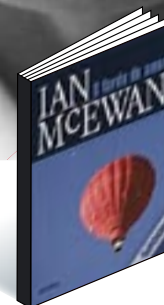
Com esta fábula carioca feita de desvario e solidão, Patrícia Melo inscreve o seu herói singular na galeria romanesca da literatura brasileira.

Os grandes livros da segunda metade do séc. XX.
por José Mendonça

O Fardo do Amor

Ian Mc Ewan é um dos melhores escritores de língua inglesa deste período. Tem uma obra vasta com alguns livros adaptados ao cinema. O fardo do amor é um livro sobre o amor místico de um homem por outro. Tudo começa com um balão de hélio e cinco homens que correm para não o deixarem fugir, agarrando-se a ele. Perante uma forte rajada de vento e sem alguém coordene os esforços começam a largar as cordas a que se seguravam até restar somente o Dr. Logan, talvez o mais forte, que foi arrastado até 100 metros de altitude tendo nessa altura caído e falecido. Aqui começa o drama: Jed Parry, no dia seguinte, começa a perseguir Joe pois dizia que o amava e que o queria proteger. Este facto começa a tornar-se incomodativo para Joe que chega a fazer queixa à polícia e a intervir na vida de Joe e Jean. Tudo vais continuando desta forma entre Joe e Parry até culminar num tiro no ombro do último. Por esta altura já Joe tem a certeza que Perry sofre de uma espécie de loucura chamada síndrome de Clérambault.

O que é muito interessante neste livro é que apresenta, no fim, dois anexos: o primeiro descreve uma obsessão homoerótica com tonalidades religiosas, uma variante do síndrome de Clérambault, com uma referência bibliográfica de quase duas páginas, enquanto que o anexo dois apresenta uma carta escrita por Jed Perry, aproximadamente no fim do seu terceiro ano de internato psiquiátrico, onde continua a reiterar o seu amor por Joe. Tudo parece não ter alterações.



O Fardo do Amor

Ian Mc Ewan
Gradiva, 1997

LÁFORA

Se tiver algum tempo livre não deixe de ponderar a hipótese de viajar para descontraír. E já agora aproveite para dar um salto às grandes galerias internacionais e ver o que de melhor se expõe

Louvre, Paris

A coleção Georges Pébereau: Mestres do design europeu

Até 22 de Fevereiro

Forte evidência do grande projecto francês do século XVII ao século XIX, esta colecção oferece a singularidade de descobrir as fronteiras entre alemães, britânicos, dinamarqueses e italianos.

Hoje, as honras de apresentação vão para as obras de Castiglione, Honthorst, Brébiette, Vouet, Tiepolo, Boilly e Victor Hugo que o coleccionador facultou ao departamento de artes gráficas do Museu do Louvre. Um convite a revisitar a concepção da Europa ao longo de quatro séculos.



Museu Rainha Sofia, Madrid

Mario García Torres e Thomas Schütte

Entre 17 de Fevereiro e 17 de Maio

Thomas Schütte é considerado um dos mais importantes artistas alemães da sua geração. Estudou na Academia de Arte de Düsseldorf de Fritz Schwegler e Gerard Richter. Desde finais dos anos 70, trabalhou, com ironia, na análise de momentos de isolamento, vulnerabilidade e desespero humano. Bem conhecido na década de 80 pelos seus modelos de arquitectura, o trabalho de Schütte está imbuído de questões sociais e políticas.

O museu apresenta ainda o trabalho em slides de Mario Garcia Torres sobre Alighiero Boetti, onde mostra uma curiosa relação dos artistas com a história.

Tate Modern, Londres

A Unilever Series: How It Is de Miroslaw Balka

Até 5 de Abril

O buraco negro que Miroslaw Balka criou na Tate Modern é aterradorante, inspirador e provocante. A criação do artista polaco é uma estrutura de aço gigante (13m de altura e 30m de comprimento) que sustenta uma câmara escura. A sua construção reflecte a arquitectura circundante da enorme sala de entrada da galeria. A peça permite aos visitantes andar por baixo dela, ouvindo o som dos passos a ecoar no aço, ou mesmo entrar na estrutura. Balka pretende proporcionar aos visitantes uma experiência sensorial, através do som e dos contrastes de luz e sombra, que pode provocar apreensão, excitação ou intriga.



PORTO

Depois das propostas mais calmas para Janeiro, recomeçam os programas alíciantes no Porto. Eis as sugestões de Maria João Duarte.



MÚSICA

Com o Carnaval à porta, e já com um cheirinho a Primavera, Fevereiro traz música variada

Na Casa da Musica destacamos a Real Filharmonía de Galicia (13), M^a João Pires e P. Gomziakov (20), Jazz Transatlântico, música para big band e orquestra sinfónica (27) e *Ressurreição* de Mahler que reúne a Orquestra Nacional do Porto e o Coro Gulbenkian (6 mar). A ONP apresenta também o *Carnaval Europeu* (14) que já vem sendo uma tradição de bom humor e espírito carnavalesco e antecipa A *Primavera* (19) com obras de Schumann e Debussy.

TEATRO E DANÇA

Não faltam propostas na invicta

Este mês, no Teatro Nacional de S. João, pode ver o último dos 5 “solos”, *Electra*, com Olga Roriz (4-7) e Joaquim Benite, com a Companhia de Teatro de Almada, traz-nos “A Mãe” de Brecht (12-21). No Teatro Carlos Alberto, o Teatro dos Aloés apresenta *Facas nas Galinhas* (18-21) do dramaturgo escocês David Harrower e *Canção do Vale* (25-28), onde se interrogam as alterações na África do Sul pós Apartheid. No Mosteiro de S. Bento da Vitória, com cenário do pintor João Vieira, *Letra M* de Fernando M. Ramos (5-13). No Coliseu do Porto, o Ballet Estatal Russo de Cheboksary dança a *Carmen* de Bizet (24) e José Pedro Gomes apresenta *Vai-se andando* (25-27).



E ainda...

O Centro Português de Fotografia organiza visitas guiadas gratuitas ao edifício da Cadeia onde poderá ver as fotografias de João Magalhães *Insulas*. Não esqueça também que o Fantasporto (300 Festival Internacional de Cinema) começa no dia 22 (até 7 de Março) no Rivoli e que no dia 28 é a venda de assinaturas para a Orq. Barroca da Casa da Música.

Um filme da minha vida

RAQUEL MAGALHÃES



Como já vem sendo habitual neste espaço, os nossos colaboradores e amigos têm a palavra. E porque vale sempre a pena saber as suas preferências, este mês

Frederico Fellini

La Dolce Vita

O tema um filme da minha vida transporta-me para a época em que tive a oportunidade de assistir a alguns dos grandes filmes do cinema dos anos 50 e 60, na Cinemateca Portuguesa, por ocasião da comemoração dos 100 anos do cinema. Na altura foi para mim uma descoberta do cinema de sátira e reflexão, uma viagem no tempo sem tempo.

Por isso falo hoje do filme *La Dolce Vita*, de Federico Fellini, com Marcello Mastroianni, Anita Ekberg e Anouk Aimée. É um filme de 1960 mas quanto a mim muito actual. O filme mostra-nos a vida fácil e sem sentido da classe alta romana através do percurso de um jornalista famoso (Marcello) que vive do sensacionalismo da vida dos ricos e famosos, sempre acompanhado de Paparazzo (de onde vem o termo “paparazzi”) personagem que simboliza os enxames de fotógrafos que tudo fazem, incluindo grandes perseguições de carro, por uma foto do glamour ou da dor da celebridade do momento.

A certa altura Marcello questiona o seu modo de vida e põe em causa a sua opção de abandonar a literatura séria de outrora para se dedicar a uma profissão que dispensa escrúpulos e valores morais. Interessante o seu desencanto com o seu percurso errante e a sua nostalgia do tempo em que a sua vida caminhava mais longe da futilidade. No entanto, um desfilar de acontecimentos através dos quais a vida se mostra tão contraditória quanto cruel acaba por ditar o seu destino de enganar a dor com falso prazer. Parece adivinhar-se o reencontro com a esperança e a inocência mas este acaba por ser adiado.

Para além da beleza do preto e branco da imagem é de referir ainda a banda sonora dirigida por Nino Rota, responsável por mais de 150 bandas sonoras de filmes para cinema, incluindo outros filmes de Fellini, como *La Strada*.

Este filme cheio de glamour, sensualidade e tragédia é um dos filmes mais vistos na história do cinema, por isso se puderem não percam (disponível em DVD).



Um livro da minha vida

PEDRO FARIA



‘Quaderna’, livro de poesia de João Cabral de Melo Neto

Foi João Guterres – primeiro prémio de poesia de um “Dia do Estudante” – quem, no princípio dos anos sessenta, à conversa na velha Cervejaria Portuguesa, me sugeriu o livro “Quaderna”, de João Cabral de Melo Neto. Nunca lhe agradei suficientemente a oportuna indicação desta obra, que sempre releio com entusiasmo.

A poesia de Melo Neto é, de uma forma geral, apolínea, reflexiva, concreta e visual. Porém, esta propensão visual não significa ausência de musicalidade nos seus versos, que dela muito se alimentam mediante ligações toantes e uma métrica bastante expressiva e nada casual.

As metáforas não são, para Melo Neto, nem um ornato nem um artificio nem um fim em si, mas, sobretudo, instrumentos iluminadores de algo de complexo ou mais transcendente. Ele usa-as com mestria, em conjunto com desdobramentos de imagens, símiles, inversões de perspectiva, antinomias e contrastes para, de uma forma dialéctica, nos levar a ver melhor aquilo que nos rodeia e, em particular, os humanos, núcleo do núcleo do mundo que observamos.

Note-se que o carácter geométrico, solar e varredor de nuvens da poesia de Cabral Neto, não recusa a complexa e brumosa humanidade, antes a reafirma e a ela sempre se destina. Nem nega a sombra, o líquido, o espesso ou, nas suas exactas palavras, a “textura densa que a luz não atravessa”. O que ela recusa é a exploração vaga e superficial, a tendência eufemística, a incursão irracional, a sublimação narcisista e a impostura intelectual.

A poesia de Melo Neto caracteriza-se, ainda, pela exaltação do espírito de luta no meio da adversidade, pela esperança assente na dureza do esforço.

Há quem diga que é uma poesia difícil. Penso que, paradoxalmente, isso se deve à sua clareza.



Quaderna
de João Cabral
de Melo Neto



BETAR

**35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



*Painéis do artista plástico
Yonamine, localizados no átrio
principal do edifício*

SKY CENTER – O ponto alto de Luanda

Inauguração do Edifício Escom, em 22/09/2009